REFLEXÃO

REVISÃO DE LITERATURA

Editores
Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Breno Martins Campos.

Apoio
Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina e Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (Processo nº471/SED/2021).

Conflito de interesse
Não há conflito de interesse.

Recebido
12 jun. 2025

Versão final
21 jul. 2025

Aprovado
25 ago. 2025

Sobre a Beleza e o Sagrado: a dimensão poética da teologia cristã

On beauty and the sacred: The poetic dimension of Christian theology

André Jorge Catalan Casagrande[1]

[1] Faculdade Teológica Sul Americana, Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia. Londrina, PR, Brasil. *E-mail*: <andre.casagrande@ftsa.edu.br>.

Como citar este artigo: Casagrande, A. J. C. Sobre a Beleza e o Sagrado: a dimensão poética da teologia cristã. *Reflexão*, v. 50, e2516200, 2025. https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e16200

Resumo

Sobre a Beleza e o Sagrado propõe uma reflexão teológica centrada na estética e na poesia como vias legítimas de aproximação com o sagrado. Inspirando-se na teopoética de Rubem Alves e na teologia da beleza de John Navone, o artigo critica a teologia tradicional por ter relegado a beleza ao segundo plano. Por outro lado, o autor propõe uma nova forma de falar sobre a divindade cristã — a Beleza em Si —, os textos bíblicos e o ser humano. Para formularmos essa nova linguagem, é necessário olhar para a existência de forma mais poética, com o intuito de formularmos uma teologia mais conectada à estética. O presente artigo destaca, portanto, a tríade — Criador, Escrituras e ser humano — como elementos estruturantes dessa nova maneira de pensar a teologia. A beleza é, nesse contexto, apresentada como epifania do divino. A proposta deste trabalho é a de que a teologia conduza a uma nova linguagem sobre Deus, sobre as Escrituras e sobre o ser humano e, consequentemente, por meio dessa linguagem, promova transformação e justiça social, fazendo-nos enxergar beleza, principalmente, nos marginalizados, rejeitados e invisibilizados pela sociedade.

Palavras-chave: Beleza. Poesia. Teologia.

Abstract

On Beauty and the Sacred proposes a theological reflection centered on aesthetics and poetry as legitimate ways of approaching the sacred. Inspired by Rubem Alves's theopoetics and John Navone's theology of beauty, the article criticizes traditional theology for relegating beauty to the background. Conversely, the author proposes a new way of talking about the Christian divinity — Beauty Itself — in relation to biblical texts, and about human beings. To formulate this new language, we need to look at existence in a more poetic way, aiming to formulate a theology more connected to aesthetics. This article therefore highlights the triad — Creator, Scriptures, and human beings — as structuring elements of this new way of thinking about theology. Beauty is, in this context, presented as an epiphany of the divine. The aim of this work is that theology should lead to a new language about God, the Scriptures, and human beings and, consequently, through this language, promote transformation and social justice, making us see beauty, especially in those who are marginalized, rejected, and invisible to society.

Keywords: *Beauty. Poetry. Theology.*

CC BY

Introdução

A teologia, historicamente marcada pela busca da verdade e da sistematização da fé, muitas vezes negligenciou a dimensão da beleza como categoria teológica legítima. Em meio a discursos excessivamente racionais e normativos, o cristianismo institucionalizado acabou relegando à estética um segundo plano, como se o belo não tivesse nada a dizer sobre o sagrado. No entanto, a beleza sempre esteve presente nos símbolos, rituais, textos e experiências que compõem o imaginário religioso. Esta lacuna, contudo, tem sido preenchida por vozes que propõem uma abordagem mais sensível e poética da fé, como é o caso de Rubem Alves (1933-2014), teólogo protestante brasileiro, e, John Navone (1930-2016), teólogo católico norte-americano.

Ao propor uma teologia da beleza, este artigo pretende resgatar a sensibilidade estética como via legítima para se falar sobre o sagrado. A beleza torna-se uma linguagem própria de conexão com o transcendente. É nesse horizonte que Rubem Alves se insere ao afirmar que fora da beleza não há salvação. O dizer de Alves, por sua vez, está impregnado de Dostoievski, quando este afirma que "A beleza salvará o mundo". Sua escrita convida o leitor a perceber Deus, não nos tratados sistemáticos, mas nas pequenas coisas, nos gestos cotidianos, na vida diária. Para Alves, a beleza é epifania, manifestação do eterno no mundo.

A proposta de uma teologia estético-poética não nega a razão, mas a transcende; não substitui a ética, mas a complementa com sensibilidade e imaginação. A beleza se torna o eixo estruturante de uma nova forma de se fazer teologia, capaz de produzir um novo discurso e, que, por esse motivo, é capaz de transformar a realidade à sua volta. Na perspectiva de John Navone, a beleza é em si mesma uma experiência transformadora: "Sem o atrativo da beleza, os bens intelectuais, morais e religiosos ficam despidos de seu poder de transformar a vida humana" (Navone, 1999, p. 41). Este artigo, portanto, parte do pressuposto de que o sagrado se comunica também (e talvez principalmente) pela beleza. Por isso, propõe-se refletir teologicamente a partir da estética e da poesia como lugares de revelação. A teopoética de Rubem Alves e a teologia da beleza de John Navone serão tomadas aqui como chaves hermenêuticas para repensarmos a teologia como discurso mais sensível, mais humano e, ao mesmo tempo, transformador.

Em primeiro lugar, tomaremos a teopoética de Rubem Alves como referencial teórico para pavimentarmos o trajeto. Em seguida, falaremos sobre a dimensão poética da existência, entendendo que ser poeta é enxergar beleza onde ela aparentemente não existe. Sem essa percepção, não conseguiremos lançar um novo olhar sobre a teologia. Na sequência, trataremos da beleza de Deus, dos textos bíblicos e do ser humano. Nossa intenção é propor uma teologia da beleza, há muito adormecida na tradição cristã. Deus deixou de ser belo, para muitos, nunca o foi. A beleza literária das *Escrituras* também foi condenada ao ostracismo pelo cristianismo. O ser humano, por sua vez, parece não possuir beleza própria originária do criador. As convenções sociais nos cegaram à essência da beleza existente no Eterno, nas *Escrituras* e no ser humano. Ao fim e ao cabo, a teologia da beleza nos conduzirá a um novo discurso sobre Deus, sobre as *Escrituras* e sobre o ser humano. Um discurso, certamente, mais belo, mais humano, mais fraterno e mais solidário.

Teopoesia: por uma teologia estético-poética

Luana Golin afirma que "o tema da Beleza é apresentado por Rubem Alves numa perspectiva estético-teológica e estético-poética" (Golin, 2017, p. 252). Sem dúvida, Rubem Alves propõe de forma lúdica uma teologia envolta em beleza, poesia e fruição. Para Rubem, ter

uma "experiência mística não é ver seres de um outro mundo. É ver este mundo iluminado pela beleza. Essas são experiências grandes demais para a linguagem. Dessas experiências brotam os sentimentos religiosos" (Alves, 2002a, p. 128).

Segundo Golin, para Alves "com a exclusão da beleza no fazer teológico, a teologia ficou reduzida a: 1) uma discussão ética moral individualizada e 2) uma discussão política" (Golin, 2017, p. 252). A despeito do discurso teológico antiestético proposto pelo cristianismo brasileiro, Alves nunca deixou de ponderar sobre o reino de Deus como um reino de beleza. Quando indagado a respeito da existência de Deus, ele diz que a existência da divindade está atrelada a existência da beleza: "E assim, me atrevendo a usar a ontologia de Riobaldo, eu posso dizer que Deus tem de existir. Tem beleza demais no universo, e beleza não pode ser perdida. E Deus é esse Vazio sem fim, gamela infinita, que pelo universo vai colhendo e ajuntando toda beleza que há [...]" (Alves, 2002a, p. 17).

Em crônica intitulada, *Fora da beleza não há salvação*, Rubem Alves, poeticamente, dirá o seguinte:

> Durante séculos os teólogos, seres cerebrais, haviam se dedicado a transformar a beleza em discurso racional. A beleza não lhes bastava. Queriam certezas, queriam a verdade. Mas os artistas, seres-coração, sabem que a mais alta forma de verdade é a beleza. Agora, sem menor vergonha, digo: "Sou cristão porque amo a beleza que mora nessa tradição. As ideias? Chiados de estética, ao fundo..." Assim proclamo o único dogma da minha teologia cristã erótico-herética: "Fora da Beleza não há salvação" (Alves, 2002a, p. 132)

A paráfrase presente na última frase é perceptível. Enquanto teólogos ortodoxos dirão que "fora da igreja não há salvação", Alves dirá que "fora da beleza não há salvação". Até porque, em seu entendimento, a experiência intrínseca ao sagrado é uma experiência proveniente da beleza, assim como o fato de existência de Deus estar ligada a existência da beleza no universo.

Além de prezar pela estética, a teologia alviana é extremamente poética. Embora não se considere poeta, Rubem sempre escreveu poeticamente:

> Há um ditado Zen que diz: "Nunca mostres o teu poema a um não poeta". Você me enviou os seus poemas. Isso quer dizer que você me considera um poeta. Mas eu mesmo não sei se sou poeta. Sei que escrevo poeticamente, porque brinco com imagens, sons e ritmos. Mas um poema nunca me pediu que o escrevesse (Alves, 2002b).

No prefácio à sua tese de doutorado publicada no Brasil, *Da Esperança*, Rubem pede perdão aos leitores por escrever um texto acadêmico, frio, distante, sem poesia, um texto "chato". No entanto, segundo Alves, isto era uma exigência da academia para que ele se doutorasse. Em suas palavras:

> Se escrevi desse jeito foi porque me obrigaram, em nome do rigor acadêmico. Eles pensam que a verdade é coisa fria e até inventaram um jeito engraçado de escrever, tudo sempre no impessoal, como se o escritor não existisse, e assim o texto parece que foi escrito por todos e por ninguém. E foi por causa deste frio que se interditou o aparecimento da beleza e do engraçado nos textos da ciência (Alves, 1987, p. 9).

Embora se refira à ciência como um todo, Alves, como bom teólogo, está com os olhos voltados especificamente para a teologia como espaço lúdico, no qual a escrita possa ser estética, poética, metafórica e bela. Endossando o que entende por poesia, Alves diz o seguinte: "os poetas, por terem olhos diferentes, veem também diferente. Veem o mundo ao contrário" (2002, p. 25). Ele também afirma que: "Adélia Prado definiu a poesia como uma perturbação da visão. Disse ela: 'Deus de vez em quando me castiga. Me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra' [...]

Pois é isso mesmo que a poesia faz: a gente olha para a pedra e vê uma outra coisa que não está lá [...] A poesia é uma alteração da percepção visual". Para ele, por exemplo, o Natal é um poema.

> Nele Deus se revela como criança. O Deus adulto é terrível: grave, sério, não ri, não dorme, seus olhos estão sempre abertos e nem mesmo têm pálpebras, jamais esquece, e registra tudo nos seus livros para o acerto final de contas. O Deus adulto dá medo [...] Isso nada tem a ver com uma criança: criança é esquecimento, riso, brinquedo, um eterno começo... Não é por acaso que o Menino Jesus tenha fugido do Deus adulto. Prefiro o Deus criança [...] (Alves, 2002a, p. 31).

Ao alterar a percepção da teologia ortodoxa acerca do Natal, Rubem o torna um poema. Suas crônicas, de forma geral, olham para a vida, para Deus, para a religião, para as passagens bíblicas sempre a partir de um viés que foge ao senso-comum. O propósito do próximo tópico é aguçar nosso olhar a fim de percebermos beleza onde ela aparentemente não existe.

A dimensão da poesia: um novo olhar para teologia

Encontramos a seguinte afirmação no livro de *Isaías*: "Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia salvação, do que diz a Sião: 'O teu Deus reina'" (*Isaías* 52:7). O profeta Isaías demonstra ser poeta, enxergando beleza nos pés calejados, sujos, maltratados e machucados do caminheiro. Os mensageiros corriam da cena da batalha, cruzavam vales e colinas, trazendo boas-novas. O arauto de Isaías apregoa boas-novas de paz e salvação e anuncia o reinado imediato de Javé. O declínio dos babilônicos era evidente (Israel esteve cerca de 50 anos sob domínio babilônico) e a ascensão de Ciro, comandante persa, visível. O momento era de euforia para o povo de Israel. Obviamente, a beleza não estava nos pés do mensageiro, mas em sua mensagem. Os pés do mensageiro deviam ser feios, o entanto, o profeta percebe a importância e a beleza única desse momento para a história do povo de Deus. Ciro é visto com bons olhos. Ele é o libertador enviado por Deus, sendo esta, segundo o profeta, a boa nova a ser comemorada.

Vinicius de Moraes, poeta brasileiro, escreveu um poema intitulado O operário em construção. Neste extenso poema, com epígrafe do evangelista Lucas, Moraes se expressa de forma muito semelhante à do profeta Isaías: "O operário emocionado/ Olhou sua própria mão/ Sua rude mão de operário/ De operário em construção/ E olhando bem para ela/ Teve um segundo a impressão/ De que não havia no mundo/ Coisa que fosse mais bela" (Moraes, 1999, p. 244). O poetinha, como foi carinhosamente alcunhado, enxerga beleza nas mãos ásperas e calejadas de um operário que assentava tijolos, erguendo casas, prédios, apartamentos, igrejas e prisões. De repente, ao cortar o pão (seria esse ato uma menção ao rito eucarístico?) o operário se dá conta de que a faca que usava havia sido feita por ele, um operário em construção. Não apenas a faca, mas tudo que havia na mesa – na verdade, a própria mesa – e tudo aquilo que havia ao seu redor: garrafa, prato, gamela, banco, vidro, janela, parede, casa, cidade, nação. A partir desse momento, "O operário adquiriu/ Uma nova dimensão: A dimensão da poesia" (Moraes, 1999, p. 244). Poeta e profeta enxergam uma beleza que a maioria de nós dificilmente percebe.

Isso ocorre porque ainda não adentramos a dimensão da poesia. Rubem Alves conta a história de uma paciente que o procurou pensando que estava ficando louca, porque ao cortar uma cebola ficou extasiada com a beleza do vegetal. Sobre essa percepção, ele afirma que:

> As cebolas mudaram de lugar, da boca passaram aos olhos, bonitas especialmente quando cortadas na horizontal, vitrais de vidro branco quando são colocadas contra

> a luz. Se cortadas na vertical, os vitrais se transformam numa chama – e para que a chame brilhe basta que se ponha uma pitada de pós de urucum no ponto central (Alves, 2002, p. 12).

A resposta de Rubem, na condição de psicanalista, para a paciente foi: "Você não está louca. Você virou poeta" (Alves, 2002, p. 13). Ele foi até a sua estante, pegou um livro de Pablo Neruda, poeta chileno, e leu a *Ode à Cebola*.

Há uma cena memorável no filme *Beleza Americana* (1999), dirigido por Sam Mendes. Indicado ao *Oscar* em oito categorias, levou a estatueta em cinco: melhor filme, melhor diretor, melhor ator, melhor roteiro e melhor fotografia. Na trama havia um rapaz cujo *hobby* era filmar paisagens e cenas que lhe parecessem belas. Em uma determinada cena, ele mostra para sua namorada a coisa mais linda que ele já tinha filmado em toda a sua vida: uma sacola plástica dançando ao ritmo do vento.

> A produção utiliza-se de uma fotografia impecável para gradativamente (des)construir nosso conceito de belo: parte de belezas artificiais - casas amplas e bem construídas, jardins metodicamente projetados, ruas pavimentadas e arborizadas, a imagem do corpo sensual da jovem Ângela coberto por rosas cuja estética ousada e impecável enche os olhos - para, na sequência, lançar um olhar terno para belezas singelas, que poucos conseguem apreciar no cotidiano, como um pacote de plástico que dança ao vento convidando Rick para brincar (Souza; Debanti, 2014, p. 15).

Fato é que existem paradigmas estéticos impostos pela sociedade que nos cegam à beleza essencial do mundo. Daí os questionamentos de Santo Agostinho em suas *Confissões*: "Amamos nós alguma coisa que não seja o belo? Que é o belo, por conseguinte? Que é a beleza? Que é que nos atrai e nos afeiçoa nos objetos que amamos? Não houvesse neles certo ornato e formosura, com certeza, não nos atrairiam" (Agostinho, 1973, p. 82). O hiponense chegou à conclusão de que só amamos o que é belo. Por esse motivo, Agostinho relaciona vitalmente beleza e amor.

Navone (1999), teólogo católico e leitor de Agostinho, no livro *Em busca de uma teologia da beleza*, discorre sobre o poder exercido pela beleza sobre cada um de nós. Para ele, "a beleza, com efeito, está no cerne de toda motivação, ação e decisão humana; pois não decidimos e agimos a menos que sejamos movidos pela atratividade de um bem específico" (Navone, 1999, p. 40). Desse modo, percebe-se que a beleza nos envolve, nos atrai, nos seduz, nos chama para perto de si. Daí o adjetivo grego *καλός* (bonito, belo) derivar do verbo *καλώ* (chamar). As histórias de amor, em sua maioria, surgem da atração recíproca ocasionada pela beleza. Por isso, o objetivo do presente artigo é fornecer uma dimensão poética da teologia cristã que promova um discurso atrativo e transformador sobre Deus, os textos bíblicos e o ser humano. A seguir, abordaremos, respectivamente, cada um destes três tópicos.

A Beleza do criador

Queiruga, teólogo católico espanhol, afirma que "é preciso ver toda a história da humanidade como busca da verdadeira face de Deus [...] como duro esforço para superar as deformações e até as perversões que continuamente a ameaçam" (Queiruga, 2003, p. 57). A tentativa deste tópico é, portanto, contribuir para uma visão mais bela e positiva de Deus, bem diferente da que tem sido propagada ao longo dos séculos.

Poucos enxergam beleza no criador. Tanto que aqueles que se puserem a analisar os principais credos produzidos ao longo da história da igreja, tais como, o Apostólico, Niceno[2],

Atanasiano, Calcedônico, por exemplo, perceberão que muitas coisas são ditas a respeito de Deus. Ele é o todo-poderoso, criador, eterno, imensurável etc. No entanto, em nenhum momento se diz que Deus é belo.

Nem todos, no entanto, são totalmente destituídos de sensibilidade perante a beleza divina. Davi, personagem das narrativas bíblicas, diz o seguinte: "Uma coisa peço ao Senhor, é o que procuro: habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida, contemplando a beleza do Senhor, observando o seu templo" (*Salmo* 27:4).

Agostinho de Hipona, em suas *Confissões*, reporta-se a Deus como "Formosura infinita" (1973, p. 31). Em outro momento, ao confessar seus pecados de adolescência, o hiponense diz: "As peras que roubamos, sim, eram belas por serem criaturas vossas, ó mais belo de todos os seres [...]" (Agostinho, 1973, p. 50). Navone, leitor de Agostinho, denomina a divindade cristã – ao longo de todo o seu livro *Em busca de uma teologia da beleza* - de a "Beleza em Si". Eis uma das vezes em que isto acontece: "Deus, a Beleza em Si, quer que tudo fique belo na plenitude da beleza divina" (Navone, 1999, p. 42).

Lutero compreendeu a incapacidade humana de conhecer minimamente acerca do ser de Deus. O reformador alemão, no capítulo "De servo arbítrio", faz distinção entre o Deus *absconditus* e o Deus *revelatus*. Ao se referir ao Deus *absconditus*, ele aponta para o Deus que nos é inacessível. Só conhecemos o Deus *revelatus* em seu ocultamento, embora muitos acreditem saber mais sobre Deus do que o próprio Deus. Temos escrito verdadeiros tratados sobre a anatomia divina. De modo que tentamos aprisionar Deus dentro de nossas denominações e de nossos axiomas. Em vez de falarmos sobre o "ser de Deus" deveríamos falar sobre o "não ser de Deus". O que sabemos sobre ele é absolutamente nada em relação ao que ele é. Deus é infinitamente superior e infinitamente mais belo do que pensamos e imaginamos.

Um dos problemas, a meu ver, que tem ofuscado a beleza de Deus são os púlpitos. Muitos pregadores falam mais em inferno do que em céu. Dão mais ênfase ao diabo do que a Deus. Diante disso, cabe a pergunta: Qual a principal doutrina do cristianismo? A redenção, a salvação, a graça, a ressurreição? Para tais pregadores a principal doutrina do cristianismo é o inferno. Retire o inferno e eles ficarão sem argumentos para suas homilias. Como afirma Rubem Alves: "Abriram-se-me os olhos e percebi que essa monumental arquitetura de palavras teológicas que se chama teologia cristã se constrói, toda, em torno da ideia do inferno. Eliminado o inferno, todos os parafusos se soltariam, e o grande edifício ruiria" (Alves, 2002a, p. 131). Eles só sabem pregar sobre um Deus destituído de toda e qualquer beleza, muito parecido com o diabo. Esta é a mesma impressão de Saramago, em seu livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, quando Jesus conversa com Deus e o diabo em uma barca em alto mar:

> Nem Deus nem o Diabo se mexeram donde estavam, e Jesus acrescentou, irónico, Ah, preferem ir de barco, pois é melhor assim, sim senhores, levo-os até à borda para que todos possam, finalmente, ver Deus e o Diabo em figura própria, o bem que se entendem, o parecidos que são (Saramago, 2001, p. 372).

Na direção oposta aos discursos insensíveis à beleza do Criador, Mário Quintana (1906-1994), poeta brasileiro, também propõe uma espécie de homilia teopoética: "Se eu fosse um padre [nos meus sermões] eu citaria os poetas [...] Porque a poesia purifica a alma... e um belo poema – ainda que de Deus se aparte – um belo poema sempre leva a Deus!" (Quintana, 1998, p. 105).

---

[2] Em 2025, a igreja cristã ao redor do mundo celebra os 1.700 anos do Concílio de Niceia, realizado em 325 d.C., evento que resultou em um dos documentos mais fundamentais da fé cristã: o Credo Niceno.

A beleza das Escrituras

Miles (2002), em sua obra *Cristo uma crise na vida de Deus*, conta que, para Jorge Luiz Borges, as três maiores histórias do mundo são a Ilíada, a Odisseia e o Evangelho, e que as três são um convite a serem recontadas infinitamente, muito embora haja uma diferença entre elas: a história de Cristo não pode ser contada do melhor modo. Diante disso, no entendimento de Miles, Borges "[...] está realmente certo ao afirmar que o Evangelho, diante de qualquer um que se sinta tentado a recontá-lo, retira o próprio convite, para desafiar ou derrotar o que antes o provocara. O escritor que tenta recontá-lo imediatamente sente isso" (Miles, 2002, p. 281). Tanto para Borges quanto para Miles ninguém conseguirá recontar a história de Jesus Cristo melhor do que os próprios evangelistas fizeram. Não existe, portanto, história mais bela e melhor escrita do que o evangelho.

Fernando Sabino, escritor mineiro, vencedor do prêmio Jabuti com o romance *Grande Mentecapto* em 1980, faz a seguinte observação sobre a parábola do Filho Pródigo: "Diga-se de passagem que esta extraordinária parábola, talvez a mais comovente das que Jesus narrou, revela a imaginação criadora de uma invejável vocação ficcionista. Quantos escritores dariam tudo para tê-la concebido!" (Sabino, 1994, p. 155). Jesus, por esse ponto de vista, foi um grande ficcionista. Ele fazia teologia contando narrativas de primeira qualidade.

Não podemos negar a influência que a Bíblia exerceu (e continua exercendo) sobre a literatura ocidental. Em livro intitulado, *Por uma teologia ficcional*, Marcio Capelli faz a seguinte observação sobre a literariedade dos textos estruturantes do cristianismo:

> A Bíblia é um grande clássico que influenciou a arte em diversos âmbitos. É possível mencionar, portanto, uma persistente relação que perpassa boa parte da literatura ocidental. Se pensarmos em textos como os de Faulkner, Melville, Proust, Kafka, Goethe, Henry James, Joyce, Mann entre outros esta afinidade fica evidente (Lopes, 2020, p. 23).

A própria literatura brasileira está impregnada da influência de textos bíblicos. Moacyr Scliar, por exemplo, escreveu *Os Vendilhões do Templo* e *A mulher que escreveu a Bíblia*. A poesia de Adélia Prado dialoga constantemente com as Escrituras. Se Deus é imagem recorrente e o motivo da poesia adeliana, a Bíblia é sua fonte inspirativa:

A imagem divina é o refletor das outras imagens da poesia de Adélia. E não só percebe-se essa identidade existencial no seu texto, como também se notam as influências, no aspecto formal, da estrutura de livros poéticos da Bíblia, mais notadamente, da dos Salmos (Bernardo, 2004, p. 116).

Frei Betto, teólogo e ficcionista brasileiro, afirma que a poesia é a linguagem de Deus. Sobre isso ele observa:

> O primeiro capítulo do Gênesis, em seus primeiros versículos, é um poema da Criação. Há uma cadência – o primeiro dia, o segundo dia etc. O poema vai do Caos ao Cosmos. O Caos são as trevas, o vazio, o abismo. Sequencialmente, o poder divino imprime luz onde havia trevas e, aos poucos, a Criação adquire harmonia, beleza, daí o termo grego Cosmos, da mesma raiz etimológica de cosmético, aquilo que imprime beleza (Betto, 2017, p. 67).

A poesia, enquanto gênero literário, permeia boa parte da Bíblia. O Cântico dos Cânticos nada mais é do que poesia hebraica que sensualiza o amor entre um homem e uma mulher, sendo tão sagrado e canônico quanto os Evangelhos. Não podemos nos esquecer de outros belos textos bíblicos em formato de poesia: o Cântico de Moisés (*Êxodo* 15), o Cântico de Débora (*Juízes* 5.1:31), o Magnificat (*Lucas* 1.46:55), o Cântico de Zacarias (*Lucas* 1.68:79), Hino ao amor cristão (I *Coríntios* 13) etc. Além disso, os Salmos são outro exemplo de belíssimas peças da poesia bíblica. Existem ainda

outros textos que representam de forma genuína a poética presente na Bíblia. Eis um exemplo extraído de Eclesiastes a respeito do tempo e da ocasião:

> tempo de nascer, tempo de morrer; tempo de plantar, tempo de colher; tempo de matar, tempo de sanar; tempo de derrubar, tempo de construir; tempo de chorar, tempo de rir; tempo de luto, tempo de bailar; tempo de atirar pedras, tempo de recolher pedras; tempo de abraçar, tempo de separar-se; [...] tempo de amar, tempo de odiar; tempo de guerra, tempo de paz (*Eclesiastes* 3.2:8).

Ainda ponderando sobre a poesia presente nas Escrituras, Rubem Alves na condição de leitor dos textos bíblicos afirmou o seguinte: "Eu leio os textos sagrados como quem lê poesia e não como quem lê jornal. Prefiro pensar que Deus é poeta a imaginá-lo como dono de um jornal. Existirá ofensa maior para um poeta que perguntar se o seu poema é uma reportagem?" (Alves, 1999, p. 76). Poesia e jornal não se leem da mesma maneira. O jornal transmite informações objetivas, a poesia explora a subjetividade. Enquanto a leitura do jornal é rápida e com foco na atualização constante sobre os últimos eventos ocorridos no mundo, a leitura da poesia é mais sensorial, pautada na beleza das palavras, no ritmo das frases, e, por esse motivo, deve ser lenta. A leitura da poesia convida o leitor à contemplação e, consequentemente, toca o coração e a alma. A leitura da Bíblia, pelo ponto de vista de Alves, conduz o leitor a uma experiência sensorial, estética, contemplativa, subjetiva, similar a de um poema.

Sensível às *Escrituras*, Agostinho (Apud Gorman, 2017, p. 178) propõe uma chave de leitura que se aproxima da poesia: "Quem quer que, portanto, pense que entende as divinas Escrituras ou qualquer parte delas e não constrói o duplo amor a Deus e ao próximo, verdadeiramente não a entende". Para o hiponense, a leitura correta da Bíblia é a que conduz ao amor. Nada mais poético, não é mesmo? Segundo ele, deveríamos ruminar os textos bíblicos nos questionando: Como esse texto me leva a amar o Eterno? Como esse texto me leva a amar ao próximo? Se só amamos aquilo que é belo, conforme palavras do próprio Agostinho anteriormente citadas, jamais seremos capazes de amar ao próximo a menos que o vejamos como um espelho da beleza do Criador. A essência do cristianismo é por demais poética:

> Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas (*Mateus* 22.37:40).

As escrituras são belas não apenas porque contêm boas notícias, mas porque possuem literariedade. Suas narrativas e sua poesia possuem beleza reconhecida até mesmo pelos artífices das letras, os escritores. Para resgatarmos o desejo de lê-la, de estudá-la e de nos aprofundarmos em seus mistérios, precisamos nos encantar com a sua beleza, enxergando-a como um dos livros mais belos que jamais existiu. Além do que, sua beleza emana do fato de Deus, fonte inspirativa, ser o maior de todos os poetas.

A beleza do ser humano

Segundo Gênesis, fomos criados à imagem e semelhança de Deus, o mais belo de todos os seres: "Disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança [...]" (*Gênesis* 1.26). Esse argumento já seria suficiente para enxergarmos beleza no ser humano.

A imagem de Deus, segundo Christopher Wright, "não é tanto algo que possuímos, mas é, antes aquilo que somos. Ser humano significa ser a imagem de Deus" (2004, p. 119). Essa semelhança impõe a base da igualdade radical que existe entre todos os seres humanos (Wright, 2014). Assim, quando olhamos para outra pessoa não devemos ver nela um rótulo, mas a imagem de Deus. Tal percepção do ser humano nos faz tratar todos os seres humanos com a mesma deferência, dignidade, igualdade e respeito, principalmente, aquela parcela excluída e rejeitada da sociedade.

A esse respeito, Navone, apoiado em Tomás de Aquino, afirma que a beleza divina é a razão da criação. Segundo ele, "Deus, por amar a beleza divina, deseja compartilhá-la o máximo possível transmitindo essa semelhança às criaturas [...] Cada forma atribuída a uma criatura representa a participação embelezadora na fulgurância divina [...]" (Navone, 1999, p. 42).

Na carta aos Efésios, Paulo escreve: "Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para boas obras [...]" (*Efésios* 2.10). O termo traduzido por "criatura" vem do grego ποίημα (poiēma) cuja tradução para a língua portuguesa pode ser "poema", conforme o *Léxico do Novo Testamento grego/português* (Gingrich; Danker 1991, p. 170). Sendo assim, o que Paulo quer dizer é que "somos poemas de Deus, criados em Cristo Jesus para boas obras [...]". Se Deus é o maior de todos os poetas, nós, seres humanos, somos o seu maior poema, a obra-prima das mãos do Criador.

Esses dois trechos das *Escrituras* contrastam com os padrões estéticos que a sociedade impõe ao ser humano. Ser belo, pela ótica da sociedade, é possuir determinados traços físicos, usar determinadas roupas, ocupar determinados cargos, dirigir determinados carros. As *Escrituras*, no entanto, falam de um ser humano belo não pelo corpo que tem, muito menos pela conta bancária que exibe. Por esse ponto de vista, "o simples fato de a pessoa existir já a torna dotada de ontológica sacralidade" (Betto, 2021, p. 89).

Não podemos deixar de falar a respeito da corpolatria, preocupação excessiva com o corpo, um vício do nosso tempo. Assim como o glutão faz do ventre o seu deus e o ébrio faz da bebida o seu deus, muita gente tem feito do corpo a sua divindade. Vivemos tempos de culto ao corpo. Segundo Bauman, "a luta pela boa forma é uma forma de compulsão que logo se transforma em vício" (Bauman, 2007, p. 123). Apoiado no discurso da preocupação com a saúde, muitas pessoas têm se entregado cada vez mais ao culto ao corpo. Conforme propõe o artigo *Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade*:

> Os indivíduos lançam mão de recursos para se aproximarem do ideal da estética corporal que a sociedade define, destacando, dissimulando ou atenuando particularidades de sua aparência: dietas, exercícios físicos, operações cirúrgicas. Acreditam que assim estão incrementando a vitalidade de sua constituição orgânica e social. O culto ao corpo é quase uma técnica de sobrevivência da sociedade atual, uma vez que pretende garantir as melhores soluções para situações presente na vida cotidiana (Dantas, 2011, p. 906).

Considerando que o artigo de Dantas, citado acima, foi escrito em 2011, não há dúvidas de que nos últimos quatorze anos acirrou-se sobremaneira a idolatria ao corpo. Além disso, a sociedade contemporânea vive cada vez mais em busca da juventude eterna e da beleza ideal por meio de procedimentos estéticos e cirurgias plásticas sem fim. Medicamentos, com custos altíssimos, prometem emagrecimento de maneira fácil e rápida. No entanto, a maior parte da população acaba excluída por não ter acesso nem aos procedimentos estéticos nem aos medicamentos milagrosos que custam uma pequena fortuna. Daí a necessidade de compreendermos que o ser humano é belo não pelos padrões estéticos impostos pela sociedade capitalista, mas única e exclusivamente por ser uma obra de arte do criador.

A fim de percebermos a presença divina nos seres humanos, Cristo conta uma história escatológica, "O último julgamento", que ilustra a questão da identificação de Deus com o ser humano considerado "feio" por estar fora dos padrões socioeconômicos e estéticos impostos pela sociedade:

> Quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas á sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome, e me destes de comer. Tive sede, e me destes de beber. Era forasteiro, e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhes responderá o rei: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes (*Mateus* 25.31-40).

Para Cristo, Deus não está onde muitos pensam que ele está: nas igrejas, nos altares, nas leis das religiões etc. É necessário vê-lo onde a grande maioria não o vê. Em um livro publicado pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), "Ele está no meio de nós! O Semeador do Reino – o evangelho segundo Mateus", há um comentário que nos leva a refletir sobre isso: "Jesus mostra que Deus está onde ninguém pensa que Ele está. É a redefinição do lugar da presença de Deus. Ele está nos malditos do sistema (*Isaías* 57,15). Os malditos se tornam benditos. Jesus se identifica com essas pessoas" (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 1998, p. 144). O texto bíblico, dessa forma, nos faz perceber a imagem de Deus nas crianças de rua, nos mendigos malcheirosos, nos presidiários, nos aidéticos, nos refugiados, bem como em todos aqueles que por algum motivo são considerados desprezíveis pelos padrões da sociedade. Isso porque, fora da perspectiva escriturística, a respeito do ser humano só pode existir preconceito e a discriminação.

Considerações Finais

O presente artigo propôs uma aproximação entre a beleza e o sagrado. Para tanto, utilizamos como referencial teórico a teopoética, de Rubem Alves, que proporcionou uma nova maneira de encarar a realidade, bem como de olhar para o sagrado a partir de uma nova dimensão, a dimensão da poesia. Com esta nova percepção, fomos conduzidos a enxergar beleza onde muitas vezes ela aparentemente não existe.

Como disse Agostinho de Hipona, não amamos nada que não seja belo. Para que amemos algo ou alguém deve existir certa formosura ou adorno naquilo que amamos. Caso contrário não despertará em nós nenhuma atração. Assim, o amor só pode ser motivado pela beleza. A proposta deste artigo foi a de ampliar a discussão acerca de um discurso mais poético a respeito de Deus, das Escrituras e, principalmente, do ser humano. Por meio desta nova perspectiva teológica somos conduzidos a uma antropologia transformadora que nos faz enxergar o divino no humano.

Assim, embora silenciada nos credos, a beleza da divindade resplandece em cada amanhecer, em cada gesto de ternura, em cada ato de amor. Mais do que um conceito, Deus é poesia viva, e, como tal, não cabe em tratados frios e dogmáticos. O discurso sobre a beleza do criador, por sua vez, conduz a uma imagem divina que produz amor e não temor. Ao propormos enxergar a beleza de Deus, tentamos superar os discursos que apresentam um Deus deformado,

cruel e sanguinário que impregnam o senso-comum a respeito do criador. Nossa intenção, portanto, foi romper com o mal-entendido que nos apresenta um Deus feio e desfigurado.

As *Escrituras* se revelam, por esta ótica, como obra literária profundamente bela. Repletas de narrativas comoventes, parábolas envolventes e poemas sacros; elas clamam por uma leitura que vá além da letra, adentrando a cadência e o ritmo da poesia. Quando lidas poeticamente, as Escrituras deixam de ser apenas manuais de doutrina, tornando-se literatura no sentido pleno da palavra.

Por fim, a beleza do ser humano – imagem e semelhança do criador – deve ser resgatada em toda sua dignidade. Em tempos de corpolatria, padrões estéticos excludentes e desumanização das minorias, a teologia da beleza ergue sua voz para afirmar que cada vida, cada corpo, cada história carrega em si uma centelha do divino. A readequação que propusemos acerca da imagem de Deus nos conduz, por sua vez, a uma nova formulação antropológica. Somos poemas de Deus, e, como tal, chamados a nos enxergar e a enxergar o outro com os olhos da poesia, da ternura e da compaixão. Desse modo, somente por meio de um discurso teopoético seremos capazes de reconhecer beleza nos excluídos, nos rejeitados e nos marginalizados e, por fim, em todos aqueles que não se encaixam nos padrões estéticos impostos pela sociedade capitalista contemporânea.

Referências

Agostinho. *Confissões*. Editora Abril: São Paulo, 1973.

Alves, R. *Da Esperança*. Papirus: Campinas, 1987.

Alves, R. *Teologia do Cotidiano*: meditações sobre o momento e a eternidade. São Paulo: Olho dágua, 1999.

Alves, R. São Luís do Maranhão. *Correio Popular*, Campinas, 03 dez. 2000.

Alves, R. *Cenas da vida*. Papirus: Campinas, 2002.

Alves, R. *Transparências da Eternidade*. Verus: Campinas, 2002a.

Alves, R. *Você tem um furúnculo?*. *Correio Popular*, Campinas, 14 abr. 2002b. Caderno C.

Bauman, Z. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Bernardo, V. C. A. O Verbo Divino de Adélia Prado: Poesia. *Vértices*, v. 6, n. 1, 2004. p. 115-130. Disponível em: https://doi.org/10.5935/1809-2667.20040006. Acesso em: 12 jun. 2025.

Betto, F. *Ofício de Escrever*. Anfiteatro: Rio de Janeiro, 2017.

Betto, F. *Espiritualidade, Amor e Êxtase*. Petrópolis: Vozes, 2021.

Bíblia de Jerusalém. Paulus: São Paulo, 1996.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Ele está no meio de nós! O Semeador do Reino – o Evangelho segundo Mateus*. Loyola: São Paulo,1998.

Dantas, J. B. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 11. n. 3. p. 898-912, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52775. Acesso em: 10 jun. 2025.

Gingrich, F. W.; Danker, F. W. *Léxico do N.T. Grego/Português*. Edições Vida Nova: São Paulo, 1991.

Golin, L. A Teopoética em Rubem Alves. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 2, p. 239-259, 2017. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342662. Acesso em: 10 jun. 2025.

Gorman, M. J. *Introdução à Exegese Bíblica*. Thomas Nelson Brasil: Rio de Janeiro, 2017.

Lopes, M. C. A. *Por uma teologia ficcional*: a reescritura bíblica de José Saramago. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC, 2020.

Miles, J. *Cristo uma crise na vida de Deus*. Companhia das Letras: São Paulo, 2002.

Moraes, V. *Antologia Poética*. Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

Navone, J. *Em busca de uma teologia da beleza*. Paulus: São Paulo, 1999.

Queiruga, A. T. *Recuperar a criação*: por uma religião humanizadora. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

Quintana, M. *Nova Antologia Poética*. Editora Globo: São Paulo, 1998.

Saramago, J. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.

Sabino, F. *Com a graça de Deus*: leitura fiel do Evangelho inspirada no humor de Jesus. Record: Rio de Janeiro, 1994.

Souza, O.; Debatin, L. A des(construção) da ideologia no filme Beleza Americana. *Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 8, n. 1, p. 02-27, 2014. Disponível em: https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4135/2635. Acesso em: 10 jun. 2025.

Wright, C. *Old Testament for the people of God*. Leicester: InterVarsity, 2004.

Wright, C. *A Missão de Deus*: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.